

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CARTAS DE LEITE DE VASCONCELOS A MARTINS SARMENTO.

(sem indicação de autor)

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 65 (1-2) Jan.-Jun. 1955, p. 5-40.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento

(Continuação do vol. LXIV, pág. 268)

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} (82)

Mil embaraços me têm impedido de escrever a V. Ex.^a, do que peço desculpa. Eis a summa das notas que fiz na ocasião dos meus achados em Baião:

1. Na freg. de S. Marinha (83), na quinta de *Guimarães* (*), apareceram há pouco 5 campas, sendo uma pequena; estas campas, que, a julgar pelos tijolos, me pareceram romanas, continham ainda alguns ossos: de lá trouxe ainda um *rochedo*, uma *escama do temporal* e parte de um *maxilar superior*; umas caveiras que também apareceram inteiras tinham sido

(*) Há outro *Guimarães*, campos, em Mondim.

(82) Esta carta não está datada, mas, pela referência a certos achados em Baião, é positivo que foi escrita entre 8 e 15 de Outubro de 1883. Na carta de L. de V. escrita de Favaes, com data de 8 de Setembro de 1883 (vide vol. LXIV, p. 257, ao fundo) diz ele que, daquela localidade, iria a Baião, e depois a Guimarães, onde se demoraria até 29 de Setembro. Em 8 de Outubro escrevia Sarmiento a L. de V. pedindo-lhe informes sobre os locais dos referidos achados que ele fizera em Baião; em 15 agradecia os informes já recebidos; e em 8 de Dezembro comunicava-lhe que já tinha em casa «os dois mostrengos de Baião», que adquirira por intermédio do juiz dessa terra, Dr. Eduardo Martins, primo de Sarmiento (vide «Extractos da correspondência de F. Martins Sarmiento», por J. Leite de Vasconcelos, in *O Arch. Port.*, VI, pág. 47 e 48).

(83) Freguesia de S.^{ta} Marinha do Zézere, concelho de Baião.

enterradas. Alguns tijolos tinham letras, mas o povo, deixando exactamente os que as não tinham, quebraram os que as tinham. Do nome dos campos vizinhos nada se pode inferir porque um chama-se dos *Camelos*, outro dos *Pombais*, outro das *Curtinhas* (**). O dono da quinta, que é um ferreiro-brasileiro-rico possui muitos tijolos inteiros. Os tijolos são enormes.

2. Na mesma freg., sítio do *Crasto* (dizem-me) apareceram os dois monos. O 1.º representa um indivíduo com túnica e um cordão à cinta, cordão que parece dar um nó ou ter fivela, de onde pende o resto dele; falta-lhe cabeça, e os pés estão esmoucados⁽⁸⁴⁾. Pode aplicar-se-lhe o que diz T. Ribeiro traduzindo um dístico grego:

Pobre estátua! Não há quem te conheça!
Não tens pés, nem cabeça!

Pela parte posterior (costas) a estátua é informe. O 2.º é um quadrúpede⁽⁸⁵⁾: está metido numa parede, sobressaindo parte; foi espreitando que eu fiz o esboço. Tem 3 palmos de comprido pouco mais ou menos. Será fácil tirá-lo para fora.

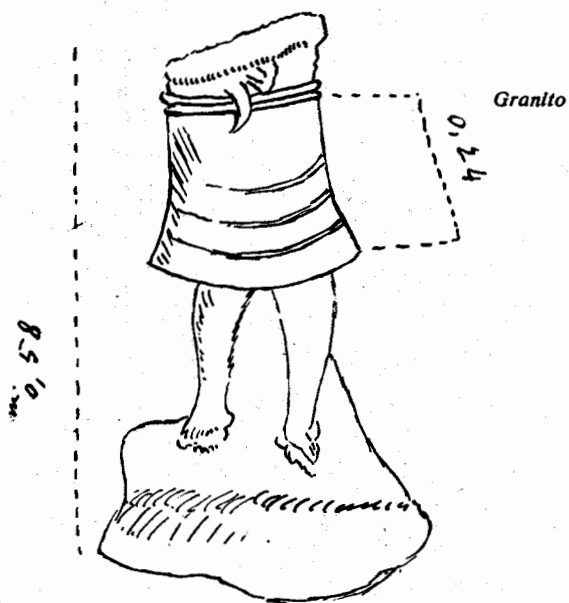
Ambos de granito. O 1.º vê-se que esteve enterrado muito tempo.

3. Segundo informações apareceram aí perto moedas romanas e uma ânfora.

(**) Este nome é lá desconhecido como termo comum, mas devia ser conhecido outrora, como o é em Trás-os-Montes, Douro, etc.

(84) Vide o desenho junto, de Leite de Vasconcelos, e a fotografia (Figs. 1 e 2). Esta estatueta está hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento (vide Mário Cardozo, *Catálogo da Secção lapidar e de escultura*, Guimarães, 1935, pág. 142).

(85) Vide o desenho junto, de L. de Vasc., e a fotografia (Figs. 1 e 2). Esta figura de verrasco está hoje na Secção de Escultura antiga do Museu da Soc. Martins Sarmento (vide M. Cardozo, *Catálogo cit.*, pág. 143, e L. de Vasc. *Religiões da Lusitânia*, II, pág. 286, fig. 56).



Grossura de cinta : 0,33



*O quadrúpede tem uns 3 palmos de comprido e 9 polegadas de alto.
O pescoço comprido. Granito.*

Fig. 1 — Desenhos de Leite de Vasconcelos representando as esculturas descritas nesta carta.

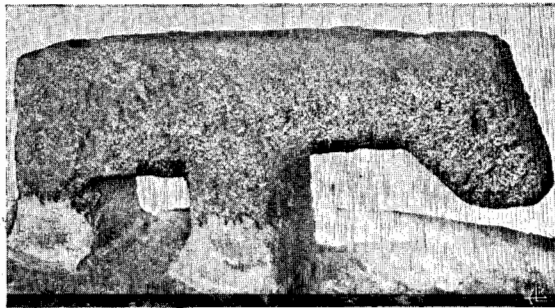
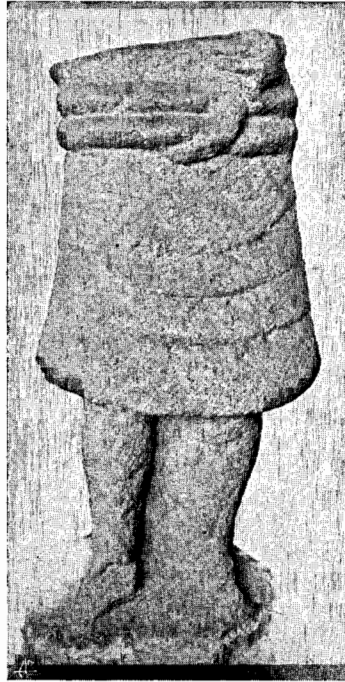


Fig. 2 — Esculturas representadas na página anterior, actualmente no Museu da Sociedade Martins Sarmento.

4. Na freg. de Lazarim⁽⁸⁶⁾, ao pé de S. João, dizem que há umas sepulturas em pedra. Hei-de vê-las no Natal.

5. Em Valadares⁽⁸⁷⁾ e noutra freg., cujo nome não sei, dizem que há dólmenes. Espero informações precisas a respeito dos dólmenes da 2.^a, que serão mais certos que os da 1.^a.

Mais nada.

Muito estimo que V. Ex.^a lá vá; mas seria melhor ir agora, a ver se apanha os monos⁽⁸⁸⁾. Quando os eu vi, o dono estava fora, mas creio que será coisa fácil comprar-lhos. Chama-se José Diogo e é lavrador, creio eu. Eu não diligencieei comprá-los, por uma questão de delicadeza com o sujeito que mos indicou e que mostrou desejos de os possuir; mas com V. Ex.^a não se dá esse caso. O tal sujeito é o mais rico proprietário de ali: Carlos Maria, que tem, me disse ele, moedas romanas, mas não as achou quando mas quiz mostrar. V. Ex.^a, se o procurar, pode falar-lhe em mim, que estive em casa dele em Setembro, com meu primo Abel Brandão da casa de Covelos. Ele com esta informação lembra-se. Mas fale V. Ex.^a com ele depois de obter os monos, e, se os obtiver, é trazê-los logo. V. Ex.^a pode ir recomendado ao abade de Santa Marinha, para por lá o guiar. Este abade anda a ferro e fogo com o C. Maria, e por isso será mais um motivo para poder alcançar os monos. Quando V. Ex.^a quizer ir, eu mando-lhe uma carta de meu primo abade de S. Tomé (limítrofe de S. Marinha) para o abade de S. Marinha; eu também o conheço, mas é melhor a carta de meu primo, que, como é colega, tem mais confiança com ele.

V. Ex.^a vai no comboio até à Ermida, imediata à estação de Aregos (comboio do Douro); de ali lá é perto.

(86) Lazarim, freguesia do concelho de Lamego.

(87) Valadares, freguesia do concelho de Baião.

(88) Como, de facto, «apanhou» (vide nota 82).

Muito estimo os achados que V. Ex.^a fez na Póvoa ⁽⁸⁹⁾ e os trabalhos que está fazendo ⁽⁹⁰⁾. Eu aqui há uns tempos tenho andado a organizar uns artigos para jornais: um sobre onomatologia, outro sobre o dialecto alentejano, e outro sobre as trad. pop. e dialecto do Brasil. Em breve terminam os meus trabalhos todos, porque vão abrir-se as aulas, e aquilo na Escola está sério; o 3.º ano, demais, dá que fazer ⁽⁹¹⁾.

Tive muita pena de não estar aí com V. Ex.^a; tinha de vir no sábado por causa da matrícula. Assim que se abrir a via férrea ⁽⁹²⁾, vou lá, mesmo porque lhe quero levar os livros que cá tenho de V. Ex.^a, cuja demora já vai sendo demasiada. Estive aqui há dias com o Vasconcelos Abreu ⁽⁹³⁾, que me pediu para dizer a V. Ex.^a que ele está envergonhado com V. Ex.^a por lhe não ter agradecido a *Ora marítima* ⁽⁹⁴⁾; que ele é um desculpado, e que lhe custa escrever; que o desculpasse. Peço a V. Ex.^a o favor de me dizer quando o Ex.^{mo} S.^{or} Conde está em Lisboa.

De V. Ex.^a.

Porto, 6.^a feira.

J. Leite de V.

⁽⁸⁹⁾ Vide sobre estes achados os «Extractos da Correspondência de F. Martins Sarmento» cit., in *O Arch. Port.*, VI, pág. 46-47 (Cartas de 16 de Agosto e 19 de Setembro de 1883, endereçadas da Póvoa de Varzim).

⁽⁹⁰⁾ Refere-se ao estudo sobre *Os Argonautas*, no qual Martins Sarmento andava então trabalhando (Vide Carta de 8.10.83 para Leite de Vasc., in *O Arch. Port.*, VI, pág. 47).

⁽⁹¹⁾ Começou assim L. de V. em Outubro de 1883 a frequentar o 3.º ano de Medicina, na Escola Médica do Porto.

⁽⁹²⁾ A linha férrea de Guimarães a Lousado foi inaugurada em 1884, e depois prolongada até a estação da Trofa, onde entroncou com a linha de Alto-Minho, ficando desde então estabelecida a ligação por caminho de ferro entre Guimarães e o Porto. Mas só 23 anos mais tarde, em 1907, se efectuou o prolongamento da linha de Guimarães até Fafe.

⁽⁹³⁾ Augusto Cesário de Vasconcelos Abreu, médico e escritor, nascido em Coimbra em 1849.

⁽⁹⁴⁾ Referência à 1.^a edição, publicada em 1880. A 2.^a edição saiu em 1896.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} ⁽⁹⁵⁾

Por muitas occupações lhe não tenho escrito a agradecer as cartas de V. Ex.^a e a recepção ao X. Pinheiro ⁽⁹⁶⁾, com quem ainda não estive, e a quem darei a parte de V. Ex.^a.

Com todo o gosto farei a conferência, i. é, palestra, na Soc., mas só talvez possa ser para o Natal. Para então falaremos. Devo porém dizer que não tenho dotes oratórios, e que sou tão seco falando como escrevendo ⁽⁹⁷⁾.

Tenciono publicar as 5 inscrições romanas de Trás-os-Montes, e peço a V. Ex.^a o obséquio de me dizer o seguinte:—Estarão todas inéditas? (V. Ex.^a ainda conserva a minha carta com elas?) ⁽⁹⁸⁾.

—É vulgar o N=NI na linha AN L. ANN, onde a haste tanto pode ser o prolongamento do N para dar I, como uma cavidade natural, posto que não haja sinal de outro I?

—Que sinais tem V. Ex.^a de Sabroso análogos a  o da outra inscrição, que eu supponho ser  a mais importante? Tendo V. Ex.^a alguma fotogr. disponível, obsequiava-me cedendo-ma.

Como o *Panorama* deixou de ser redigido pelo Coelho ⁽⁹⁹⁾, não continuo lá a minha onomatologia;

⁽⁹⁵⁾ Carta sem data, mas, pelo texto deduz-se que é de Fevereiro de 1884.

⁽⁹⁶⁾ Alfredo Xavier Pinheiro, notável Pintor de Arte e Jornalista nascido no Porto em 1863, e falecido naquela cidade em 1889. Deixou algumas obras de Arte de indiscutível mérito. Como publicista, secundou com diversos artigos na Imprensa a campanha levantada por Rocha Peixoto, Ricardo Severo e João Barreira a favor de uma condigna instalação do Museu Municipal do Porto. Dedicou-se também aos estudos etnográficos, o que explica o manifesto interesse de L. de V. pela boa recepção que Martins Sarmento fizera ao Artista.

⁽⁹⁷⁾ Conferência que nunca chegou a realizar.

⁽⁹⁸⁾ Alude à carta de 8-9-1883 (vide vol. LXIV desta Revista, págs. 255-258). Publicou não as 5 inscrições citadas na carta, mas apenas 4, em 1887, no fasc. 1.^o da *Revista Lusitana*, a pág. 57.

⁽⁹⁹⁾ Dr. José Francisco Trindade Coelho, falecido magistrado e escritor ilustre, nascido em Mogadouro em 1861. For-

ou a continuarei noutro, ou me reservo para a *Romania* ⁽¹⁰⁰⁾, onde tenciono publicar em Agosto ou Outubro os *Primeiros traços de onomatologia portuguesa* (origens latinas). Lá mais para deante hei-de estudar algumas coisas de um dialecto céltico moderno, para penetrar no Zeuss ⁽¹⁰¹⁾, tanto mais que há os trabalhos do Jubainville ⁽¹⁰²⁾, e eu estou em relações muito activas com o H. Gaidoz ⁽¹⁰³⁾, que também é folclorista. Assim preparado, o que porém por vezes é um sonho, quero-me aventurar à onomatologia antiga, se outro, mais bem preparado, me não precede, o que estimaria muito. V. Ex.^a possui algum trabalho sobre onomatologia? Tenho ideias de aí ter visto uns *Irish names*. Será bom? Talvez lá para fins de Junho tenha de o pedir a V. Ex.^a.

Assim que tirar fotogr. dos monos de Baião ⁽¹⁰⁴⁾, obsequieava-me dando-me 2, porque queria enviar uma ao Ad. Coelho ⁽¹⁰⁵⁾ que, segundo me disse há pouco, anda ocupado com o estudo das nossas origens.

mou-se em 1885, sendo portanto, ao tempo desta carta, ainda um jovem académico, como L. de Vasc. Dirigia em Coimbra, por essa altura, o *Panorama Contemporâneo*, um quinzenário ilustrado, que teve início em Novembro de 1883 e durou apenas até Agosto de 1884, data em que saiu o n.º 16, último publicado. A partir do n.º 5, correspondente a 1 de Fevereiro de 1884, Trindade Coelho deixa de figurar na direcção da Revista, sendo substituído por Rodrigues Nogueira. Mais tarde foi ainda esta publicação dirigida por Eugénio de Castro.

(100) Vide nota 54.

(101) J. C. Zeuss, historiador e filólogo alemão (1806-1856), notabilizado especialmente no estudo da língua e antiguidades célticas, autor da célebre *Grammatica Celtica* (Berlim, 1871).

(102) H. d'Arbois de Jubainville, historiador e filólogo francês, prof. de língua e literatura célticas no Collège de France, autor de diversas obras notáveis.

(103) Henri Gaidoz, ilustre arqueólogo e mitólogo francês, fundador da *Revue Celtique* (vide notas 10 e 28).

(104) Vide notas 84 e 85.

(105) Francisco Adolfo Coelho, filólogo insigne, erudito e professor notabilíssimo natural de Coimbra, falecido em 1919. Alcançou um renome internacional, sendo especialmente conhecido na Alemanha, pelo alto valor dos seus numerosos trabalhos. Sustentou com Martins Sarmiento uma violenta polémica, a que adiante aludiremos.

O P. Caldas publicou um folheto sobre uma inscrição de Caria⁽¹⁰⁶⁾. Leu-o?

Peço-lhe também o favor de me dizer o título do folheto do Virchow sobre a Citânia⁽¹⁰⁷⁾. Quero só o título e data.

Sem mais, sou como sempre

De V. Ex.^a
am.^o cr.^o obg.^o

Porto, Domingo

J. Leite de Vasc.^{los}

P. S.

Respondendo à pergunta de V. Ex.^a: não abandonei o *folclore*, mas, como já colhi quase tudo, ou, pelo menos, o mais importante, só tenho agora que interpretar, o que não posso fazer por ora. Atiro-me à linguística, de que sempre gostei mais, e que me oferece um terreno virgem na dialectologia e onomatologia.

S. P.

O H. Gaidoz mandou-me o retrato. Eu no Natal levei-o para o mostrar a V. Ex.^a; como porém não cheguei a ir aí, leva-lo-ei para outra vez: óculos, barbado, olhar penetrante, aspecto carregado. Em todo o caso ele é muito afável na sua correspondência comigo.

(106) José Joaquim da Silva Pereira Caldas, *Uma Inscrição romana de Caria de Lamego*, Braga, 1883. Vide sobre este autor a nota 45.

(107) Rudolf Virchow, professor de Medicina, investigador e homem político alemão, falecido em Berlim, em 1902. Esteve em Portugal em 1880, quando do Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, então realizado no nosso País, e visitou nessa ocasião a Citânia de Briteiros. A propósito dessa excursão à Citânia publicou um curioso relato na Rev. alemã *Zeitschrift für Ethnologie* (Berlim, 1880, tomo XII, págs. 344 a 351). Na Crónica do citado Congresso foi publicada a versão francesa daquele relatório. (Lisboa, 1884, pág. 647 e ss.).

P. S.

Sabe-me dizer se a situação física de um sítio *Poço da Ola* ⁽¹⁰⁸⁾ que V. Ex.^a menciona nas suas *Observ. à Citânia* justificará a etimologia *orla*? (*Olla*, *Ola* = *orla* como *vel-lo*, *vê-lo* = *ver-lo*).

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} ⁽¹⁰⁹⁾

Desculpe-me V. Ex.^a por ainda não ter dado a V. Ex.^a os meus sentidos pêsames pelo falecimento do Ex.^{mo} S.^{or} Guarter Martins ⁽¹¹⁰⁾. Agora o faço.

Ainda não recebi resposta de Bragança, apesar de já, por outra via, ter mandado recado para lá; estou envergonhado porque talvez V. Ex.^a imagine que fiz pouco caso da recomendação de V. Ex.^a. O sujeito a quem escrevi é advogado e por isso muito ocupado; além disso C. de Avelãs ⁽¹¹¹⁾ fica um pouco distante. Talvez ainda responda.

⁽¹⁰⁸⁾ O folheto de Martins Sarmento *Observações à Citânia do Sr. Doutor Emilio Hübner*, alusivo a um artigo de Hübner sobre a Citânia de Briteiros publicado na *Archeologia Artistica* dirigida por Joaquim de Vasconcelos, saiu em Março de 1879. A citação do Lugar de «Poço de Ola» situado junto do Rio Ave, na freguesia de Santo Estevão de Briteiros, foi transcrita por Martins Sarmento de uma referência ao mesmo lugar incluída no Manuscrito de 1726, do Corregedor de Guimarães, Francisco Xavier da Serra Craesbeck, *Memorias resuscitadas da Provincia de Entre Douro e Minho*. (Mss. n.º 217 do Núcleo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa).

⁽¹⁰⁹⁾ Carta sem data. É de Fevereiro de 1885.

⁽¹¹⁰⁾ O falecimento de Gualter Martins da Costa, parente de Martins Sarmento, foi em fins de Janeiro de 85. Era filho de Luís Martins da Costa, e irmão de um distinto cavaleiro e mestre de equitação que existiu em Guimarães, José Martins de Queirós Minotes, que publicou na *Revista de Guimarães* uma série de artigos sobre o «Turf», em 1886 (vol. III, págs. 5, 81 e 121).

⁽¹¹¹⁾ Refere-se a Castro de Avelãs, concelho de Bragança. Martins Sarmento andava nessa altura muito interessado em descobrir duas aras consagradas ao deus AERNO, mencionadas no C. I. L. e dadas como existentes naquele lugar. Incumbiu, em Janeiro de 1887, de proceder às pesquisas necessárias o

É provável que eu aí vá passar os 3 dias do Entrudo. Hei-de resolver no sábado. O Ex.^{mo} Sr. Conde decerto está aí?

Como aí não voltarei senão para Setembro, aproveito estes feriados para não perder o hábito das minhas romagens a essa terra de que eu tanto gosto. Por isso vá-se V. Ex.^a preparando para me aturar algumas horas.

Sem tempo para mais, peço os meus cumprimentos para a Ex.^{ma} Esposa de V. Ex.^a, e subscrevo-me respeitosamente.

De V. Ex.^a

cr.^o am.^o mt.^o obg.^o

Porto, 5.^a feira

José Leite de Vasconcelos

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Na minha última carta esqueci-me de lhe mandar estas inscrições (deturpadas) que me deram como existentes em Trás-os-Montes:

1.^a

P M
IIM PRO
NIVS · SIL
ONIS · IIN

Parece que é: [«D · M Sempronius filho de Sil.... de.... anos». Não acha?]

prof. do Liceu de Bragança, José Henriques Pinheiro, que ainda conseguiu obter uma dessas aras, hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento. Posteriormente, o prof. Pinheiro iniciou umas escavações arqueológicas naquele castro, subsidiadas por Martins Sarmento, que foram bastante frutuosas, mas causaram alguns dissabores ao sábio vimaranense, devido a inoportunas interferências estranhas naqueles trabalhos. Veja-se a narrativa pormenorizada desses factos na *Correspondência epistolar entre Emilio Hübnér e Martins Sarmento*, Guimarães, 1947, págs. 114, 115.

2.^aI V L I A q
M— N I I A
NV

[Júlia, filha de.....de 5 anos?]

3.^a

E S S E A [?]

Parece que a primeira tinha este sinal . Uma inscrição de Miranda que eu mandei a V. Ex.^a tinha também, se bem me recordo, a espiral ⁽¹¹²⁾.

Quem mas deu foi o P.^e Castro, secretário do Ex.^{mo} S.^{or} Arcebispo de Mitilene ⁽¹¹³⁾; talvez ele aí esteja ainda e V. Ex.^a melhor se informe com ele.

Se o Ex.^{mo} S.^{or} Arcebispo ainda estiver aí, peço a V. Ex.^a a graça de me dizer o dia e hora em que ele volta para baixo, porque, se for a hora a que eu possa ir à estação, desejava vê-lo; mas peço ao mesmo tempo que lhe não diga nada, porque, às vezes, pode ser que eu não possa ir à estação.

O meu livreco *Portugal pre-histórico* ⁽¹¹⁴⁾ está pronto e ficaram de mo dar impresso este mês. Logo que eu o receba, mando-o a V. Ex.^a. Muito me obsequiará lendo-o todo, e anotando com franqueza ao lado aquilo que não achar bem, para eu o corrigir em 2.^a edição, caso a tenha. Eu esforcei-me por ser exacto; em todo o caso não há ninguém que não erre, principalmente em assunto em que se não é especialista.

⁽¹¹²⁾ Vide Fig. de pág. 256 do vol. LXIV da *Revista de Guimarães*.

⁽¹¹³⁾ Refere-se a Dom João Rebelo Cardoso de Meneses, Arcebispo de Mitilene desde 1884, cunhado do 1.^o Conde de Margaride. Em 11 de Maio de 1885 veio ele a Guimarães, hospedando-se no palacete dos Condes de Margaride, ao antigo Largo do Carmo. Nasceu na freguesia de S. Pedro de Vila Real, em 1832, e faleceu em 1890.

⁽¹¹⁴⁾ José Leite de Vasconcelos, *Portugal pre-histórico* (Biblioteca do Povo e das Escolas), Lisboa, 1885, folheto de 62 páginas.

Eu este ano não tenho feito quase nada: a patologia leva-me o dia quase todo.

E os trabalhos de V. Ex.^a como vão?

Este ano para que praia vai? Eu resolvi não ir este ano a Trás-os-Montes porque o ano passado moí-me extremamente, e só eu sei o que eu passei através daquelas serras selvagens e desertas. Às vezes, quando me lembro disso, cuido que foi um sonho! É pois provável que em Agosto ou Setembro eu vá a Guimarães.

Sem mais. Muitos cumprimentos para a Ex.^{ma} Família de V. Ex.^a, e sou com toda a estima

De V. Ex.^a

am.^o mt.^o obg.^o e cr.^o

Porto, 21 Maio 85.

José Leite

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} (115)

Muito obrigado pela carta e bilhete de V. Ex.^{cia}.

Agradeço a apresentação para o Delgado (116), mas eu estou em relações directas com ele já há meses. Eu já vi o museu de antropologia; em todo o caso hei-de lá tornar (117).

Li na *Vida Moderna* os dois artigos de V. Ex.^a sobre Soalhães e o marco de Antas (118). Pena é que eles fiquem ali sepultados, porque o jornal de certo não tem grande tiragem.

(115) Carta sem data. Pelo texto presume-se que L. de Vasc. a escreveu de Lisboa, e talvez no fim do ano de 1886 ou primeiros meses de 87, terminada já a sua formatura em Medicina.

(116) General Joaquim Filipe Nery Delgado, notável Engenheiro militar, geólogo e professor eminente. Faleceu em 1908.

(117) Refere-se certamente ao actual Museu dos Serviços Geológicos, de Lisboa, cujas preciosas colecções de geologia, arqueologia e antropologia se devem em grande parte aos trabalhos e explorações dos falecidos cientistas Nery Delgado, Carlos Ribeiro, Paula e Oliveira, Pereira da Costa, Paul Choffat, e outros.

(118) Alusão aos artigos «Os marcos miliários de S. Bartolomeu de Antas» e «Sepultura pré-histórica em Soalhães», que Martins Sarmento escreveu respectivamente em Janeiro e Março de 1882, e publicou nesse mesmo ano na Rev. portuense *A Vida Moderna* (vol. II, págs. 143 e 198).

Recebi ontem a *Revista de Guimarães*, que muito me agradou.

Estimo que o livro de V. Ex.^a saia quanto antes ⁽¹¹⁹⁾.

O Pereira Caldas ⁽¹²⁰⁾ é que está um grande epigrafista! Em todos os jornais aparecem artigos com inscrições. Há dias publicou uma sobre um *Fulgus* de Braga. Eu não quero andar às turras com ele, senão tinha-lhe feito umas observações sobre uma frase dele.

Tenho esperanças de arranjar proximamente muitos materiais linguísticos das nossas possessões.

Mandaram-me ontem um folheto em que uma senhora galega publica um discurso da inauguração do *Folklore gallego* (o que é para nós, como bem imagina, uma bela notícia, porque a revista que se publicar conterà as tradições na genuína língua do povo); o discurso é muito eloquente e tem ideias justas, mas num ponto a oradora refere-se aos *selvagens habitantes das ilhas dos Açores!*

Os açorianos, se o soubessem, é que não gostariam da novidade.

Na Espanha vai grande faina na fundação de centros de folclore. Já estão constituídos quatro. Na Itália creio que também se fundou, segundo as últimas notícias que recebi, o *Folklore italiano*. Na França vai reaparecer em 5 de Abril a *Mélusine* do H. Gaidoz e do Rolland ⁽¹²¹⁾. Eu tenho o 1.º vol., que me mandou o Rolland. Este 2.º vol. e os seguintes também os recebo gratuitos, a troco dos meus artigos, como me propôs o Gaidoz. Estimo bem, porque o dinheiro não chega para tantos jornais e livros como a gente precisa.

São estas as novidades *folclóricas* mais recentes que lhe posso dar.

⁽¹¹⁹⁾ Referência à obra de Martins Sarmiento *Os Argonautas*, que veio a lume em 1887.

⁽¹²⁰⁾ Vide nota 45.

⁽¹²¹⁾ «*Mélusine*». *Revue de Mythologie, littérature populaire, traditions et usages*, dirigida por H. Gaidoz e E. Rolland, Paris. Começada a publicar em 1878.

De certo já recebeu o último n.º da *Romania* ⁽¹²²⁾. Vem lá um art. de Cornu ⁽¹²³⁾ sobre umas etimologias portuguesas: é exacto em si, mas as formas intermédias não são as que ele propõe. Talvez eu mande para o seguinte n.º uma pequena nota sobre isso.

O Coelho ⁽¹²⁴⁾ disse-me há dias que anda também em grande actividade.

De V. Ex.^{cia}
am.º mt.º obg.º

J. Leite de Vasconcelos

Meu presado am.º ⁽¹²⁵⁾

Tendo chegado ontem da Estremadura recebi a carta de V. Ex.^a que agradeço. A Revista, 2.º n.º, está já na imprensa ⁽¹²⁶⁾. Eu queria que o art. de V. Ex.^a fosse o 1.º deste fascículo, mas já vejo que não é. Logo que o tenha pronto, obsequieia-me mandando-mo ⁽¹²⁷⁾.

Dou-lhe parte de que vou para fora do Porto, vou para um partido para os lados de Lisboa, onde tenho as minhas terras ⁽¹²⁸⁾. Parto por estes dias, e

⁽¹²²⁾ Vide nota 54.

⁽¹²³⁾ Julius Cornu, filólogo alemão. Vide nota 59.

⁽¹²⁴⁾ Vide nota 105.

⁽¹²⁵⁾ Carta sem data, escrita do Porto. Deve ser de fins de Abril de 1887, porque se refere à sua breve partida para o Cadaval, como Sub-delegado de Saúde, para onde, de facto, partiu em princípios de Maio desse ano, tendo terminado o seu curso médico no ano anterior.

⁽¹²⁶⁾ Refere-se ao 2.º fascículo da *Revista Lusitana*.

⁽¹²⁷⁾ O artigo de Martins Sarmiento a que aqui se alude, publicado na *Revista Lusitana* tem a data de Junho de 1887, e saiu nesse ano no fasc. 3.º do vol. I (págs. 227 a 240). Intitula-se «Para o Pantheon Lusitano». No mesmo ano publicou Martins Sarmiento, ainda outro trabalho nessa Revista (vol. I, pág. 275), intitulado «Duas tradições populares».

⁽¹²⁸⁾ Foi para o Cadaval, a sul de Caldas da Rainha. Leite de Vasconcelos era natural de uma terra muito distante do Cadaval. Descendia de uma nobre família de Resende, junto ao Douro, e nasceu na freguesia da Ucanha, concelho de Tarouca, na Beira Alta. Pelo que diz nesta carta possuía terras no sul.

quero deixar tudo na imprensa. Se não fosse uma doença numa perna, o que me retém em casa, eu queria ir aí e a outras partes dizer adeus aos meus amigos, mas estou a ver que não posso. Se eu não for, esta carta sirva de despedida para o meu am.^o. De lá lhe escreverei.

Arranjei mais um machado de pedra.

Estimo que tenha muito boas festas ⁽¹²⁹⁾ e sua Ex.^{ma} Esposa.

Em Lisboa estive com o Ex.^{mo} S.^{or} Conde e família ⁽¹³⁰⁾.

Até breve. Sou

De V. Ex.^a
am.^o cr.^o obg.^o

R. do Freixo, 986.

José Leite

P. S.

Estive no Museu de Antropologia com o Paula e Oliveira ⁽¹³¹⁾, que tem achado muitos crâneos da época romana, e em cujo estudo anda empenhado. O Delgado estava para fora, suponho que em explorações.

Desconfio que para os sítios para onde vou (Cadaval) hei-de fazer achados pré-históricos, além dos machados que já tenho. Veremos.

Cadaval, 4-6-87.

Meu presado am.^o

Estava para lhe escrever um dia destes, quando recebi ontem a sua estimada. Estou aqui faz hoje um mês. Cá me arranjo com o meu novo mister.

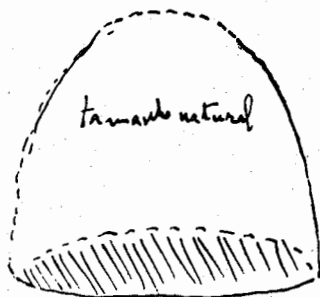
⁽¹²⁹⁾ Referia-se às festas da Páscoa.

⁽¹³⁰⁾ Conde de Margaride. Vide nota 13.

⁽¹³¹⁾ Francisco de Paula e Oliveira, oficial de Artilharia, natural de Ponta Delgada (1851-1889). Prestou assinalados serviços na Comissão de Trabalhos Geológicos, onde teve como mestres insignes Pereira da Costa, Carlos Ribeiro e Nery Delgado. Foi um antropólogo e etnólogo distinto e deixou publicados vários trabalhos importantes sobre estes ramos de ciência.

Muito trabalho, sempre a cavalo por esses caminhos, etc. O peor é que os meus estudos gloto-etnológicos estão parados, talvez para sempre!

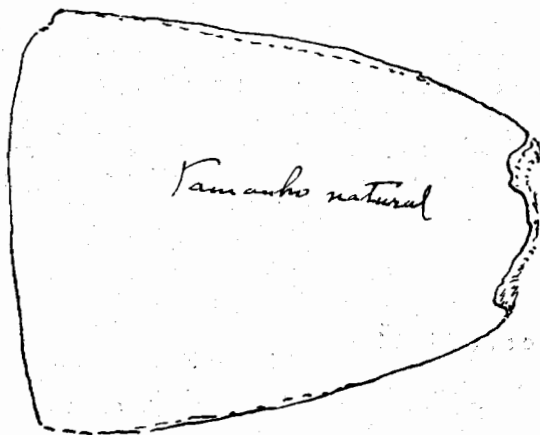
Depois que vim já arranjei 7 machados polidos. Um deles é pequeno, muito bonito; assim:



Está perfeito. Outro é bastante grosso e grande, deste tipo:

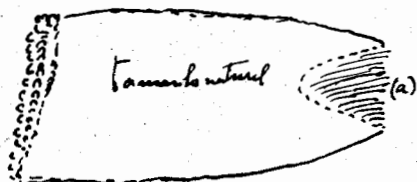


também intacto. Outro é um pouco maior (18 a 20 cent.), do mesmo feitio, mas mais estreito; também está bem conservado. Os outros estão mais ou menos esmoucados. Eis outro:



Além destes sete, deram-me hoje um bocado de uma pedra, que parece uma goiva. Veja se entende:

(^a) Neste sítio há uma goteira



Tenho-os encomendado por todo o concelho; espero fazer uma colecção boa. Mas esta gente chama-lhes *pedras de raio* e de *corisco*, e não os largam porque «onde eles caem, não cai raio» (¹³²). Um dia destes um bruto que me trazia um, quebrou-lhe uma esquina, «a ver o que tinha dentro». Há dias, nas abas da serra, perguntaram-me se eu queria estas pedras para «fazer *pozés* para dar a beber aos doentes»! Dólmenes não há, porque também para aqui não há pedra. Na serra (de Monte-Junto) é que talvez haja bons vestígios pré-históricos; logo que tenha doentes para aquelas bandas, e o saiba de véspera, preparo uma excursão lá. Depois lhe darei parte.

Na Pascoela estive 2 dias em casa do meu primo (primo direito pela afinidade) M.^{el} Negrão (¹³³), onde

(¹³²) A designação de «pedras de raio» dada aos machados de pedra e outros instrumentos da Idade da Pedra persistiu até época muito recente, entre muitos povos, e desde remota antiguidade. Já os povos antigos atribuíam a estas pedras origem meteórica, e entre os latinos eram conhecidas pelo nome de *ceraunia* (do grego *κεραυνός*, raio). A estas *ceraúnias*, que se supunha produzidas pelo raio, eram atribuídas propriedades miraculosas. Em França também o povo as designava «pierres de foudre» ou «pierres de tonnerre». Sobre este assunto vide o interessante capítulo «Naissance de la préhistoire», no vol. de estudos coligidos por A. Laming, intitulado *La découverte du passé*, Paris, 1952, pág. 15 ss. Ver também Leite de Vasc., *Opúsculos*, vol. V, pág. 101 e ss. (Lisboa, 1938).

(¹³³) Manuel Nicolau Osório Pereira Negrão, da Casa de Mosteirô, freguesia de Ancede, concelho de Baião. Possuía uma valiosa colecção arqueológica, onde se destacava um precioso «ex-voto» de bronze achado no castelo de Moreira (Celorico de

falamos muito em V. Ex.^a; ele tem uma colecção bem boa de inscrições romanas, uma muito engraçada, assim:..... (não tenho à mão a carteira onde fiz o esboço; é pouco mais ou menos isto toscamente:



É uma escultura primitiva). Ele também tem alguns bronzes e machados polidos. Há 8 dias me disse ele haver recebido mais machados.

O art. de V. Ex.^a vai para o 3.º n.º ⁽¹³⁴⁾, porque o 2.º já o deixei chelo. As miscelâneas ⁽¹³⁵⁾ é que não sei se ainda caberão neste. Peço-lhe me mande tudo para aqui, registado.

Quando me escrever, dê-me algumas notícias das suas descobertas, dos seus trabalhos, e de algumas coisas de vulto que leia, porque aqui isolado, sequestrado aos meus estudos mais queridos, estimarei saber o que vai pelo mundo. Se uma vez ou outra alguns dos jornais que V. Ex.^a assina (Rev. Celt., Rev. Archéol.) trouxer alguma coisa que V. Ex.^a veja que me interessa, obsequie-me emprestando-mos.

Estes sítios são melancólicos: não há montes, nem rios, nem árvores; só vinhas e vinhas. As casas são todas caiadas, a gente anda toda calçada.

Basto), sobre o qual existe uma extensa bibliografia. Leite de Vasc. referiu-se a esse objecto n-*O Arch. Port.* vol. I, pág. 35, vol. XI, pág. 333 e nas *Rel. da Lus.*, vol. II, pág. 289, reproduzindo-o em duas gravuras. Também Ricardo Severo publicou na *Portugalia*, vol. I, pág. 325, um artigo sobre este valioso achado, «Ex-voto de bronze da Colecção Manuel Negrão», acompanhado de uma excelente estampa. Vide igualmente Mário Cardozo, «Carrito votivo de bronze del Museo de Guimarães», in *Archivo Español de Arqueologia*, Madrid, 1946, vol. XIX, pág. 19-20.

⁽¹³⁴⁾ Vide nota 127.

⁽¹³⁵⁾ As «miscelâneas» a que L. de V. alude eram o artigo «Duas tradições populares», que também saiu no mesmo vol. I da *Rev. Lusitana*.

Os tipos, os trajos, os modos, as falas, os hábitos, tudo difere de aí. Que saudades que eu tenho do Minho, e de Guimarães principalmente! Fiz bem em me não ir despedir (não fui porque não pude de uma perna que tinha doente), porque me havia de custar muito. V. Ex.^a não é homem que saia d'aí; se às vezes viesse a Lisboa, já se sabe que eu tinha o máximo gosto em o cá ver. Fica-lhe a geito.

Se eu por cá em volta descobrir coisa que valha a pena, espero ainda arrasta-lo cá. Veremos.

Os meus cumprimentos para a Ex.^{ma} S.^{ra} D. Maria e para o Ex.^{mo} S.^{or} Conde e família.

Eu é que tarde aí voltarei. Adeus.

De V. Ex.^a
mt.^o am.^o obg.^o

Cadaval, 4-6-87 (136).

José Leite de Vasc.^{los}

Ex.^{mo} am.^o e S.^{ro}

Deve ter recebido umas provas e um bilhete postal. Não acusei logo a recepção das *Argonautas*, porque queria primeiro ler o livro. Infelizmente, nas minhas condições actuais, não pude dedicar a essa leitura a atenção que merecia, já porque careço de um certo número de obras e mapas que aqui não tenho, já por falta de tempo. A questão é também muito complexa, e por ora não possuo as habilitações necessárias para entrar nela, o que só mais tarde farei. Apenas podia entrar nas da origem do português que V. Ex.^a discute a pg. 276 sq. V. Ex.^a admite que o port. resulte de uma transformação insensível de uma língua não latina, mas estreitamente aparentada com esta; e admite isto para explicar a fácil romanização da Lusitânia e da penín-

(136) É curioso notar que, nesta carta, L. de V. repetiu a data por distração, no começo e no final. Em compensação de muitas outras cartas, que não tinha o cuidado de datar...

sula: ora tão afim devia ser essa língua não lat. com o latim que se confundia com esta! Ou V. Ex.^a admite a demonstração filológica ou não: se admite o rigor das leis fonológicas, etc., como se pode aceitar que havia outra língua de tal feitio, que o que é exacto para o port. em relação ao lat. o fosse em relação a essa língua x? E que vem a ser a *alatinização da ling. indígena*, a pg. 278? Isto é uma questão toda de factos miudos, e é preciso destruí-la toda primeiro para estabelecer uma conclusão oposta à que por eles se chegou. Creio que nenhum filólogo subscreverá a esta parte da tese de V. Ex.^a; é verdade que nós nem sempre devemos ir jurar nas autoridades,—mas aqui há factos. De mais a mais, se o irlandês não é céltico, mas ligúrico, porque é que o latim se não implantou na Irlanda, ou por outra, o irlandês não é uma língua parecida com as neo-latinas, como por ex. acontece com o holandês que é semelhante ao alemão? Mas teremos tempo de discutir tudo isto mais tarde. V. Ex.^a sabe bem o apreço em que o tenho e aos seus trabalhos; e por isso decerto tomará as minhas palavras apenas como uma tentativa, uma discussão *pro amore veritatis* ⁽¹³⁷⁾.

Passemos a outro assunto.

A reforma da Bibl. ainda não appareceu ⁽¹³⁸⁾. Eu é que, já enfatiadíssimo d'aqui, pedi a minha demis-

⁽¹³⁷⁾ Seria interessante conhecermos a resposta de Martins Sarmento a esta crítica de L. de V. aos *Argonautas*. Sarmento costumava reagir sem demora aos que comentavam depreciativamente os seus trabalhos, mas sempre com serenidade, inteligência, precisão e elegância de expressão literária, e até por vezes com fina ironia e mordacidade. Por parte de alguns estudiosos de autoridade indiscutível, como Oliveira Martins, Hübner, Adolfo Coelho e Leite de Vasconcelos, as suas teorias etnológicas foram alvo de severas críticas. As cartas de Sarmento para Leite de Vasconcelos, que este publicou n-*O Arch. Português*, são apenas simples extractos de algumas delas, e abrangem somente o período decorrido entre 1880 e 1883.

⁽¹³⁸⁾ L. de V., contrariado com a sua permanência como Sub-delegado de Saúde no Cadaval, aspirava a ser transferido para Lisboa e colocado como Conservador da Biblioteca Nacional. Assim veio a succeder, abandonando então de vez a Medicina, para se dedicar inteiramente aos seus estudos predilectos.

são vocalmente, e estou à espera que acabe uma doença que ando aqui a tratar para me retirar de vez para Lisboa, ao destino. Este mês que vem, provavelmente mudo de todo.

Aqui tem a lista dos meus machados:

de pedra	{ certos:	{ bons ou sofríveis	67
		{ em mau estado	12
	{ incert.:	{ bons ou sofríveis	3
		{ mais quebrados	2
de metal			1

Já é, como vê, uma colecção bem boa. Infelizmente aqui não há dólmenes, por falta de pedra; as únicas estações pré-históricas de cá são umas grutas, de onde já desenterrei várias ossadas.

Quando vem V. Ex.^a ao Sul? Olhe que tinha muito que ver na Secção Geológica de Lisboa ⁽¹³⁹⁾. No Museu do Carmo há menos.

Estou morto por me ver d'aqui para fora ⁽¹⁴⁰⁾ porque d'aqui a pouco perco o amor e o interesse por estas coisas.

Qualquer dia escrevo ao Ex.^{mo} S.^{or} Conde, de quem recebi há tempos um discurso impresso ⁽¹⁴¹⁾; também brevemente o verei em Lisboa. Tencionava ir ao Douro e talvez ao Minho, agora no 1.^o de Janeiro, mas a tal doença atrapalhou-me tudo, — porque primeiro está a obrigação que a devoção.

Adeus.

De V. Ex.^a
cr.^o am.^o obg.^o

C. 27-12-87.

José Leite

⁽¹³⁹⁾ Vide nota 117.

⁽¹⁴⁰⁾ A estada no Cadaval tornou-se para L. de V. um motivo de desânimo constante, pois sentia o prejuízo que esse des-terro estava causando à sequência dos seus estudos científicos.

⁽¹⁴¹⁾ Discurso proferido pelo Par do Reino Conde de Margaride, na Câmara dos Pares, em 11 de Agosto de 1887, sobre o *Bill de Indemnidade*. Publicou-o em folheto impresso no Porto, em 1887. (Vide *Diário da Câmara*, n.^o 69).

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} (142)

Remeto a V. Ex.^a a tradução do texto grego. Satisfá-lo?

Não pude falar com o Possidónio, porque de 3 vezes que o procurei no Museu, não o encontrei (143).

Desejava escrever com urgência ao Ex.^{mo} S.^{or} Conde (144) e por isso peço a V. Ex.^a a graça de em dizer se ainda está em Lisboa ou se já voltou para aí, como ele tencionava.

Não posso ser mais extenso, porque estou com pressa.

De V. Ex.^a
am.^o obg.^o

J. Leite de Vasconcelos

P. S.

Nas férias colhi 12 machados pré-históricos, uns bons, outros deteriorados, como o costume. Também fiz boa colheita dialectológica.

(142) Carta sem data mas, pelo texto, vê-se que foi escrita já de Lisboa, e certamente em começos de 1888, visto que na carta anterior, do fim de Dezembro de 1887, escrita ainda do Cadaval, dizia o seu autor: « Este mês que vem, provavelmente mudo de todo ».

(143) Refere-se a Joaquim Possidónio Narciso da Silva, notável architecto e arqueólogo falecido em 1896, com a avançada idade de 90 anos. Foi o fundador em Lisboa, no ano de 1863, da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, com a sua sede nas ruínas do Convento do Carmo, onde criou o Museu de Arqueologia, que ali permanece ainda, bem como continua a ser ali a sede da Associação, agora com o simples título de Associação dos Arqueólogos Portugueses, que tão prestigiosa tradição possui.

(144) Conde de Margaride (vide nota 13).

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Não lhe respondi primeiro, por ter tido muito que fazer.

Nenhuma dúvida há com as inscrições; mas, como a *Rev. Lus.* leva ainda tempo a sair, e por outro lado eu as tinha há muito prometido ao B. de Figueiredo, dei-lhas ante-ontem para saírem agora na *Rev. Arch.*, de onde o Hübner as pode copiar à vontade. É melhor que sejam publicadas primeiro cá; senão parece que todos nós somos uns simples correspondentes dos sábios estrangeiros ⁽¹⁴⁵⁾.

Ando já enfasiado com a história do Bonança. O nosso *meio* não é próprio para trabalhos sérios; sem se ser charlatão e intrução como o Bonança não se faz nada ⁽¹⁴⁶⁾. Eu ralhava da imprensa do Porto,

⁽¹⁴⁵⁾ Refere-se a umas inscrições aparecidas em Cárquere, concelho de Resende, na Beira Alta, das quais se apossou Manuel Pereira Negrão (vide nota 133), primo de Leite de Vasconcelos, inscrições que este publicou de facto, com data de 20-8-1888, sob o título «Antiguidades de Cárquere», na *Revista Arqueológica*, dirigida por A. C. Borges de Figueiredo (vide o vol. II, 1888, pág. 113 e ss.). Quanto à preocupação manifestada por L. de V. nesta carta acerca da prioridade da publicação em Portugal destas inscrições inéditas, antes de serem facultadas a Emilio Hübner, como Sarmento desejava, para a sua inclusão no *C. I. L.*, veja-se o que, a propósito, dissemos na nota 30 de pág. 112 da *Correspondência epistolar entre Emilio Hübner e Martins Sarmento*. Da mesma proveniência de Cárquere tinha então Martins Sarmento conseguido obter três lápides, hoje no Museu da Soc. Martins Sarmento (vide Mário Cardozo, *Catálogo cit.*, Guimarães, 1935, págs. 85, 87 e 94), cujas inscrições havia fornecido a Hübner em carta de 2-10-87 (vide *Correspondência cit.*, pág. 105). Nessa carta dizia: «Cárquere parece ser um viveiro de inscrições. Três arranhei eu, que estão hoje no Museu da Sociedade; mas um sujeito de Baião (*referta-se a Manuel Negrão*) atravessou-se no meu caminho, e levou umas cinco para sua casa. Tenho feito diligências inúteis para lhas apanhar». É curioso notar que, em data recente, numerosas inscrições funerárias lusitano-romanas têm continuado a aparecer junto da Igreja do Mosteiro de Cárquere, parte das quais deram entrada no Museu da Junta de Província do Douro Litoral, no Porto, e outra parte no Museu Etnológico de Lisboa, se não estou em erro, onde creio já se encontravam as que pertenceram a Manuel Negrão.

⁽¹⁴⁶⁾ João Bonança, escritor nascido em Lagos e falecido em 1924. Dedicou-se especialmente aos estudos históricos, poli-

mas a de aqui é peor, porque os asnos são em maior número. Aqui pouco ou nada se estuda. No verão vive-se a passear e na cama; no inverno, nos botequins e no teatro, — de modo que os jornalistas não têm tempo para estudar. Na Biblioteca ⁽¹⁴⁷⁾ as obras mais consultadas são: literatura amena (romances e só romances, às vezes poesias e muitas ilustrações por causa dos bonecos), e livros e expositores de aulas. Outra coisa é uma raridade.

Depois, como as ideias erróneas e estapafúrdias têm mais facilidade em se propagar da que as sãs, em virtude da acção que o maravilhoso exerce nos cérebros fracos e mal disciplinados, a maior parte dos nossos literataços estão *bonancificados* até à medula. De modo que é malhar em ferro frio. Aborrece tanta estupidez.

À vista conversariamos melhor.

Muito estimo que arranje um bom museu de trutas velhas — no estômago ⁽¹⁴⁸⁾.

Tenho no prelo, a sair breve, um opúsculo de 60 pág. sobre a filologia portuguesa; já ontem vi as últimas provas ⁽¹⁴⁹⁾.

Decerto outra inutilidade para o público, apesar de me ter custado uns poucos de meses de buscas e leituras na Biblioteca.

Para a gente aqui em Portugal fazer alguma coisa é preciso revestir-se de uma couraça de paciên-

ticos e sociais, e foi o fundador dos primeiros jornais republicanos que se publicaram em Portugal. Escreveu uma *História da Lusitânia e da Ibéria*, que deixou incompleta, obra esta que, apesar de largamente elogiada na imprensa da época, é destituída de autoridade crítica e de carácter rigorosamente científico, o que justifica até certo ponto a severidade das palavras de Leite de Vasc.

⁽¹⁴⁷⁾ Na data desta carta já L. de V. era Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa.

⁽¹⁴⁸⁾ Alude à predilecção que Martins Sarmiento tinha pela pesca à linha, com que se distraía nas suas vilegiaturas anuais em Briteiros (Vide nota 43).

⁽¹⁴⁹⁾ Leite de Vasconcelos, *A Philologia Portuguesa*, Lisboa, 1888, 60 págs.

cia, lançar a maior parte do público ao desprezo e ter só confiança no futuro.

Desculpe estes desabafos; mas eu sei que estou a falar com um português.

De V. Ex.^a
am.^o e obg.^o

Lisboa. 23-8-88

Leite de Vas.^{los}

Ex.^o Am.^o e S.^{or}

Muito obrigado pela sua carta recebida ontem. Eu estava para lhe escrever a dar-lhe parte de um grande achado que fiz nas férias deste Natal no concelho de Baião, onde estive 15 dias.

É uma pedra, aí de uns 3 palmos de comprido e uns 2 de alto, contendo o seguinte, numas toscas esculturas:

Um bezerro; do lado esquerdo um sujeito de túnica, agarrando-lhe no galho direito com a mão esquerda, e passando-lhe por cima do corpo a direita; atrás um vulto de toga segurando com a mão direita a cauda do animal (se eu interpreto bem). Parece ser um ex-voto, representando a leva de um touro para o sacrifício; o sujeito da túnica será o vitimário, e o da toga o sacerdote ⁽¹⁵⁰⁾.

Eu lhe mandarei um desenho, logo que o Gabriel ⁽¹⁵¹⁾ o tire. A pedra veio comigo, carregou

⁽¹⁵⁰⁾ É um «ex-voto» romano (vide Fig. 3), de granito, de 0,64×0,46×0,15 cm., representando um acto sacrificial. Leite de Vasc. descreve este pequeno monumento nas *Religiões da Lusitânia* (vol. III, pág. 482, 483). Foi achado na aldeia de Frende, concelho de Baião. Está actualmente no Museu Etnológico. No Museu da Sociedade Martins Sarmento existe uma cópia em gesso mandada executar por Sarmento, autorizado por L. de V. (Vide *Catálogo do Museu da Soc. M. S.*, cit., pág. 144).

⁽¹⁵¹⁾ Gabriel Pereira, notável estudioso, bibliófilo, escritor e arqueólogo natural de Évora, falecido em 1911. Em 1888 foi nomeado Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa, da qual foi mais tarde Director, até 1902, ano em que foi nomeado Inspector das Bibliotecas e Arquivos. Deixou numerosos trabalhos de valor.

4 homens para a estação. Andei 12 horas a cavalo por causa dela, estive todo o dia sem comer, apanhei um frio de rachar, e tive de me ver grego para convencer os donos a venderem-ma; mas trouxe-a! Está muito bem conservada.

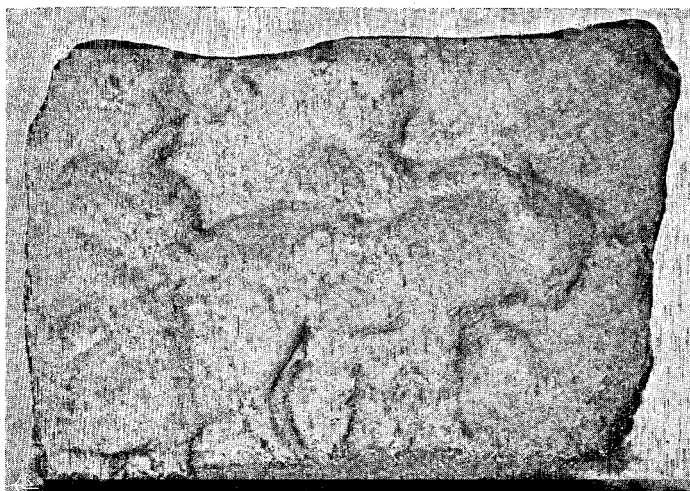


Fig. 3 — *Baixo-relevo romano de Frende (Baião).*

(Cópia em gesso do Museu da Soc. M. S.)

Tenho-a no Museu da biblioteca, onde, como disse a V. Ex.^a, estou organizando um panteão lusitano ⁽¹⁵²⁾, a título de comentário para a minha aula de Numismática ⁽¹⁵³⁾. Já tenho cá alguns objectos e

⁽¹⁵²⁾ Este interesse por uma colecção arqueológica reunida na Biblioteca Nacional era, por assim dizer, o primeiro esforço de L. de V. para a fundação do Museu Etnológico, que em 1893, por proposta sua, criou o então Ministro das Obras Públicas Dr. Bernardino Machado.

⁽¹⁵³⁾ Leite de Vasc. regia então na Biblioteca Nacional um Curso de Numismática. Leccionou também um curso de Bibliotecários Arquivistas. Mais tarde, em 1903, regeu ainda, na mesma Biblioteca, um Curso gratuito de Filologia.

desenhos de outros. Foi por isso que em tempo pedi a V. Ex.^a fotografias ou desenhos do que a este respeito tiver no seu Museu. Não será possível obter de uma ou outra coisa um molde de gesso?

Eu não me distraio completamente da linguística, conquanto a regência da cadeira me tire algum tempo; todavia V. Ex.^a sabe que eu não me dedico à filologia só por amor da arte, mas porque com ela quero principalmente contribuir para a resolução do nosso problema étnico; é por isso também que me consagro, tanto quanto posso, à etnologia: ora o estudo das moedas antigas em geral e em especial o das chamadas celtibéricas deve fornecer-me muitos dados, — e só com essa mira, e com o fim de estudar principalmente as nossas coisas, eu aceitei o cargo para que fui nomeado ⁽¹⁵⁴⁾. De mais a mais eu deixei a clínica. Já vê pois que pouco ou nada saí do meu terreno, — a fil. e a etn., ainda que nestes dois campos eu só exploro algumas partes.

O Coelho anda ultimamente muito influido a estudar o nosso ant. onomástico. Na *Rev. Arch.* do Figueiredo sai agora um longo artigo sobre isso (já a imprimir), e no 4.^o n.^o da minha sai outro a propósito dos nomes dos deuses do artigo de V. Ex.^a (anda-o a escrever), e tenciona continuar o assunto ⁽¹⁵⁵⁾.

Eu estou a acabar o prólogo de um Cancioneiro popular para a Bibl. do Povo e das Escolas, e logo

⁽¹⁵⁴⁾ O curso de Numismática.

⁽¹⁵⁵⁾ Refere-se aos trabalhos do filólogo Adolfo Coelho (vide nota 105). O artigo de Adolfo Coelho a que L. de V. alude, então a imprimir na *Rev. Archeológica*, safu no início do vol. III (Lisboa, 1889, pág. 1 a 16) sob o título «Antigos nomes hispânicos». O outro artigo do mesmo autor na *Rev. Lusitana*, safu a pág. 351 e ss. do fascículo IV do vol. 1 (1889), intitulado «Nomes de deuses lusitânicos». Este último é uma réplica ao artigo que Sarmiento havia publicado no fasc. 3 desta *Rev.*, com o título «Para o Pantheon Lusitano» (vide nota 127), pois analisa minuciosamente, com grande profusão de elementos filológicos, os nomes dos mesmos deuses mencionados no artigo de Sarmiento sem essa ostentação de erudição. O propósito de provocar polémica com Martins Sarmiento é manifesto, pois logo no começo do artigo diz, referindo-se à tese celtista, que Sarmiento combatia: «O que um dilectantismo jactancioso e superficial possa dizer

em seguida começarei um estudo sobre os Amuletos ⁽¹⁵⁶⁾ (de que tenho já anda por cem) para outra Bibl. Ao mesmo tempo reuno elementos constantemente para a Hist. da Filolog. Portug. (desenvolvida) e Dialectologia. Muito brevemente hei-de mandar para a *Rev. de Guim.*^{es} o art. prometido acerca da linguagem popular da cidade, para o qual tenho os elementos quase todos, pelo menos os principais ⁽¹⁵⁷⁾.

E V. Ex.^a que anda agora escrevendo?
Sem tempo para mais.

De V. Ex.^a
am.^o mt.^o obg.^o

Lisboa. 20-1-89

José Leite de Vasconcelos

P. S.

O bronze de meu primo Negrão é efectivamente magnífico ⁽¹⁵⁸⁾. Aquilo parece representar uma cerimónia análoga à *suevotaurólia*. — Eu nunca tentei obte-lo (como V. Ex.^a diz na sua), porque sabia que era tempo perdido; senão, quem mo dera.

Leite.

contra essa tese, repetindo autores que a critica fez esquecer, esvai-se como bolas de sabão, ante a análise severa, histórica e glotológica, como será mostrado». E, no final deste artigo, anunciava um novo trabalho a publicar em breve na mesma *Rev. Lusitana* «especialmente destinado ao exame de certas teorias etnogénicas, já velhas e julgadas errónias, mas aceites e renovadas pelo Sr. Martins Sarmiento». Este tom catedrático e agressivo devia ter aborrecido o sábio vimaranense, estranhando sem dúvida que L. de V. desse abrigo na sua Revista a tão azedos comentários aos seus trabalhos.

⁽¹⁵⁶⁾ O estudo de L. de V. intitulado *Sur les amulettes portugaises* destinava-se a uma memória que ele tencionava apresentar ao Congresso Internacional dos Orientalistas, a realizar em Lisboa. Afinal este Congresso não teve lugar em Lisboa, e L. de V. publicou então este estudo em 1892 (Vide *Opúsculos*, Lisboa, vol. V, pág. 556-569).

⁽¹⁵⁷⁾ L. de V. publicara nos volumes II e III (1885 e 1886) da *Revista de Guimarães* alguns artigos sobre dialectos. Mas nunca chegou a publicar o artigo anunciado nesta carta.

⁽¹⁵⁸⁾ Vide nota 133.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Não há dúvida em setirar o molde em gesso ⁽¹⁵⁹⁾. Quando V. Ex.^a quizer, pode mandar, mas é bom que quem vier venha depois do meio-dia e não venha em 3.^{as} nem em Sábados, porque nesses dias são dias de aula, e a pedra está na sala, e não se pode remover facilmente. Estou desejoso de ver o desenho do tal monumento da Saia, porque me não lembro ⁽¹⁶⁰⁾.

Creio ter já decifrado bem a minha pedra: um touro, ou antes bezerro, caminhando; do lado esquerdo um vitimário, de túnica, vai-lhe agarrando um galho; posteriormente um sacerdote, de toga, segura-lhe na cauda, que é bem comprida. Tudo isto indica a época lusitano-romana. Tenho cá várias estampas antigas com cenas semelhantes.

Não tenho novidades que lhe dar no nosso assunto.

Onde foi que V. Ex.^a publicou um artigo acerca das relações da idade da pedra com a do bronze em Portugal? Foi numa *Rev. Scient.* que houve no Porto? Nunca li este artigo ⁽¹⁶¹⁾.

O Coelho está trabalhando no artigo dos nomes dos deuses; já tem quase pronto o primeiro, sobre *Aerno* ⁽¹⁶²⁾.

Sem mais por agora: Sempre às ordens

o de V. Ex.^a
cr.^o am.^o obg.^{mo}

Lisboa, 2-2-89.

José Leite de Vasconcelos

⁽¹⁵⁹⁾ Vide nota 150.

⁽¹⁶⁰⁾ Já na nota 75 se fez alusão a este monumento arqueológico do Monte da Saia, em Barcelos, hoje pertença da Sociedade Martins Sarmiento (Vide Mário Cardozo, *Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento*, Guimarães, 1950, pág. 86 e ss.).

⁽¹⁶¹⁾ Alusão ao artigo de Martins Sarmiento «A civilização da pedra polida no Minho», publicado na *Revista Scientifica* do Ateneu do Porto, 1885.

⁽¹⁶²⁾ Vide nota 155.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} (163)

Ainda não sei se aí irei na Páscoa. Tenciono ir para o Douro, mas pode ser que dê uma volta por aí. Veremos.

No n.^o 4 da *Rev. Lusit.*, que está no prelo, sai um longo art. do Coelho com duas partes: uma, contendo um estudo linguístico acerca dos nomes dos deuses cujas inscrições V. Ex.^a publicou lá; outra, com uma apreciação geral dos trabalhos de V. Ex.^a (164). Afinal sai o tal art. que ele tinha prometido há muito; não sei porém o desenvolvimento total que ele toma. Parte está já em provas, mas o final deve ir breve para a imprensa. A conclusão do n.^o depende agora disto.

(163) Carta sem data. Deve ser de Março ou Abril de 1889.

(164) O artigo de Adolfo Coelho que a *Rev. Lusitana* publicou, já o mencionamos na nota 155. A outra parte a que L. de V. aqui se refere contendo «uma apreciação geral» dos trabalhos de Martins Sarmiento era aquela que depois veio a publicar, não na *Rev. Lusitana*, mas nos volumes III (págs. 129 e 163) e IV (pág. 153) da *Revista Archeológica* de Borges de Figueiredo, intitulada «Questões etnogénicas. Lusitanos, ligures e celtas», que deu motivo a violenta polémica com Martins Sarmiento, o qual lhe respondeu na *Revista de Guimarães* (volumes VII, VIII, X e XI, de 1890 a 1894) com a série de artigos que igualmente intitulou «Lusitanos, ligures e celtas».

Quando Martins Sarmiento ofereceu a Emílio Hübner a separata deste trabalho, no qual se defendia com brilho e saber da crítica extremamente áspera que Adolfo Coelho fizera às teorias do erudito vimaranense acerca da etnologia dos Lusitanos, o sábio alemão agradecia-lhe com estas palavras: «Hier j'ai reçu votre étude sur les Lusitanos, ligures e celtas, et de suite j'en ai lu une grande partie avec le plus grand plaisir. Vous êtes un débateur du premier rang, et j'admire la multitude de livres en toutes les langues que vous avez lus». (Vide *Correspondência Hübner-Sarmiento* cit., pág. 201).

Já em Junho de 1886 Adolfo Coelho publicara na *Revista de Guimarães* um artigo intitulado «Vestígios das antigas línguas da Península Ibérica», que terminava com estas palavras, a propósito de línguas célticas: «Terei de rever mais tarde a argumentação engenhosa do meu amigo F. Martins Sarmiento contra essa tese, argumentos que converteriam os celtistas da escola de Zeuss em celtómanos de nova espécie, se contra eles não houvesse razões de muito peso, que serão expendidas a seu tempo». Vinha de longe, como se vê, o propósito de rebater as teorias de Martins Sarmiento.

O Coelho ultimamente tem estudado com muito afinco as nossas questões de etnologia e linguística antigas; a casa dele é um viveiro de livros modernos. Além deste e do art. publicado na *Rev. Arch.*, tem escrito ainda outros que vão sair.

No Entrudo estive em Évora com o nosso Gabriel ⁽¹⁶⁵⁾. Com ele fui ver os dólmenes dos arredores. Colhi por lá (mas não nos dólmenes) alguns machados de pedra e um de bronze, bem como um coraçõzinho de bronze, e vários amuletos mais modernos. Também tenho obtido estampas para o Museu *divino* que estou organizando ⁽¹⁶⁶⁾. Quero ver se me deixam ir a Paris e a Madrid ver os museus arqueológicos e numismáticos, para depois poder dar melhor direcção e disposição às colecções daqui. Por conta da Biblioteca, isto é, da Inspecção Geral, está-se procedendo à exploração de um cemitério, parece que romano, do Alentejo; o Gabriel também tem sondado as antiguidades romanas de Chelas; ao pé de Alcobaça apareceram umas grutas pré-históricas e várias antiguidades romanas que se andam colleccionando e explorando para um Museu Municipal de lá, segundo me disse o principal influente ⁽¹⁶⁷⁾. Para os lados de Leiria e das Caldas há também umas grutas para explorar, e que o deverão ser mais tarde ou mais cedo. Que fazer não falta pois. O peor é que os investigadores sérios faltam. Bonança continua asneando ⁽¹⁶⁸⁾; Estácio da Veiga, que devia fazer trabalho seu, está-se deixando influenciar por aquele parlapatão, e creio que também tresvaria. Ainda não tive tempo para ler as *Antig. monum. do Algarve* ⁽¹⁶⁹⁾. O que eu sei porém é que as antiguidades que ele

⁽¹⁶⁵⁾ Gabriel Pereira. Vide nota 151.

⁽¹⁶⁶⁾ Vide nota 152.

⁽¹⁶⁷⁾ Vide artigo «Grutas de Alcobaça», por M. Vieira Natividade, in *Portugalia* vol. I, pág. 433 e ss.

⁽¹⁶⁸⁾ João Bonança. Vide nota 146.

⁽¹⁶⁹⁾ Os quatro volumes das *Antiguidades Monumentais do Algarve*, de Estácio da Veiga, foram publicados respectivamente em 1886, 87, 89 e 91. Leite de Vasc. deve referir-se aqui, portanto, ao 3.º volume (1889).

reuniu no Museu, que fica debaixo da Biblioteca, são muito importantes. Ele devia limitar-se a descrever e classificar, — porque isto de teoria é o diabo. Tudo por ora em absoluto é prematuro. As sínteses virão por sua ordem. Pela minha parte tenciono ver o que a Numismática ibérica dá para as nossas questões; estou certo que há-de dar bastante. Por ora ela quase tem andado só por mãos de espanhois; e a um deles ouvi dizer que morreu doido.

V. Ex.^a porque não vem até Lisboa ver o que cá há? Dissera-me o Ex.^{mo} S.^{or} Conde que V. Ex.^a vinha breve; se tal é, muito o estimo. O que eu queria era que V. Ex.^a fosse também a Paris (Museu de Saint Germain) e a Madrid em ocasião que eu fosse. Agora na exposição a viagem é mais barata ⁽¹⁷⁰⁾.

De V. Ex.^a am.^o at.^o e obg.^o

Leite de Vasconcelos

P. S.

V. Ex.^a ficou uma vez de me dar a cópia de uma inscrição em caracteres desconhecidos achada lá para o Alto Minho. Logo que a encontre entre os seus papéis, muito me obsequieia mandando-ma ⁽¹⁷¹⁾.

Tem feito ultimamente alguma exploração?

Leite

Eu tenciono sair daqui no dia 12 do corrente e recolher passados 15 dias. Oxalá que as minhas investigações agora rendam tanto como no Natal.

(170) Exposição Internacional de Paris, em 1889.

(171) Queria referir-se L. de V. talvez a uma lápide, hoje no Museu Etnológico, aparecida na freguesia de Guilhabreu, concelho de Vila do Conde. Paleograficamente essa inscrição é muito interessante, pois apresenta uma mistura de letras, cursivas, unciais e capitais, que tornam difícil a sua leitura. No Museu de Guimarães há uma cópia em gesso (Vide *O Arch. Port.*, vol. XI, pág. 371 e *Catálogo do Museu da Soc. M. S. cit.*, pág. 101).

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Muito folgo com as novas aquisições. A ara de Amarante vi-a eu lá, quando lá fui agora na Páscoa. Li parte, mas não me cansei com o resto, por isso que ela ia para as mãos de V. Ex.^a (172).

O achado das Ninfas é muito importante (173).

Eu também adquiri há 3 dias um touro e um javali, de cobre ou bronze, achados no Algarve, para o Museu da Biblioteca. O Gabriel (174) está para Évora; logo que ele venha, tirará os desenhos e eu lhos mandarei juntamente com o da pedra; ele já tirou um desta, mas ficou grande.

Espero obter muitas mais cousas religiosas da época lusitana, até que com isso, com os desenhos e fotogr. e moldes do que não tenho, eu possa ali organizar um verdadeiro panteão lusitânico (175). Creio que em breve se poderá fazer um esboço menos mau da religião dos nossos maiores.

Efectivamente há já muito coleccionador. Mas a respeito da caristia, em parte está na nossa mão: é não pôr o costume de dar muito. V. Ex.^a, como é rico e é franco, dava muito; agora tem o resultado. Eu pelos machados nunca dei mais de 50 rs. até um tostão, porque se desse mais, eles imaginavam que aquilo era de um alto valor, e depois eu não obtinha nenhum senão à custa de ouro. Além disso eu nunca tive ocasião de os comprar senão por 3 ou 4 vezes, e mesmo não foi pròpriamente compra, foi antes convites. Mas em compensação fiz muitas receitas de graça a troco deles, e dei muita passada, e fiquei obrigado a muita gente. E tudo isto vale.

(172) Referência a uma ara consagrada a *Júpiter*, encontrada na Quinta de Pascoais, em Amarante, e oferecida em 1889 a Martins Sarmento por intermédio do Dr. João de Vasconcelos e Meneses, do Marco de Canaveses (Vide *Catálogo do Museu da Soc. M. S. cit.*, pág. 45).

(173) Deve referir-se a uma ara dedicada às *Ninfas Lupianas*, encontrada no passal da Igreja de Tagilde e hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento (Vide *Catálogo cit.*, pág. 33). Leite de Vasc. cita esta ara nas *Rel. da Lusitânia*, II, pág. 189.

(174) Gabriel Pereira. Vide nota 151.

(175) Vide nota 152.

Outro dia em Baião achei um, fragmentado, num campo. De tantos que possuo, foi este o 1.º que eu próprio levantei do chão.

O 4.º fasc. da Rev. está a sair. Do Coelho só sai, por falta de espaço, o 1.º artigo, — *Nomes de deuses lusitanos*; o 2.º art. *Lusitanos, celtas, ligures e germanos*, em que ele discute as ideias de V. Ex.^a, e que está pronto, sai no 1.º fasc. do 2.º vol. (176).

Muito agradeço a promessa que me faz das fotogr. e desenhos. Eu desejava também aquela inscrição em caracteres desconhecidos que V. Ex.^a me disse ter encontrado no Minho (177).

V. Ex.^a não terá à mão estes dois folhetos?: *Esquisse de la religion des Gaulois* de H. Gaidoz, e *Gargantua* pelo mesmo (178). Se mos pudesse emprestar muito me obsequiava. Cá em Lisboa ninguém os tem, e eles estão esgotados há muito. Até já os mandei pedir para a Alemanha, por os ter visto num catálogo, mas não fui a tempo. Para não haver extravio, seria bom virem registados.

Eu ainda cá tenho de V. Ex.^a o Liebrecht (179); depois restituo tudo.

O Negrão tem uma colecção já menos má, principalmente de inscr. funer. Também tem alguns machados de bronze e pedra, e muitas moedas. Mas o melhor de tudo é o bronze do sacrificio (180).

Na Páscoa andei sempre. Visitei 4 castros, e atravessei duas vezes o Marão a cavalo, no caminho de Amarante. O que mais me levou a Amarante foi estudar a linguagem, como estudei. O mesmo fiz em relação a Mesão Frio. Também fui a Amarante colher

(176) Este segundo artigo de Adolfo Coelho saiu afinal na Rev. *Archeol.*, de Borges de Figueiredo, como dissemos na nota 164. Não quis talvez L. de V., como amigo de Martins Sarmento, desgostá-lo publicando na sua Rev. *Lusitana* a violenta diatribe de Adolfo Coelho contra o estudioso vimaranense.

(177) Vide nota 171.

(178) Vide notas 10, 28 e 103.

(179) Felix Liebrecht, *Zur Volkskunde. Alte und neue Aufsätze*, Heilbronn, 1879.

(180) Vide nota 133.

lendas de S. Gonçalo, porque quero fazer um estudo dele. Como ele andou por aí não me poderá V. Ex.^a dar algumas informações que me possam servir? E mesmo de nomes de fontes, capelas, etc.

Há muito que não tenho notícias dos Ex.^{mos} S.^{ors} Condes. Eu talvez vá no Agosto e Setembro a Paris e Madrid visitar os museus e as Bibliotecas; se porém não for, então talvez lhe faça uma visita. Mesmo eu já tenho muitas saudades daí.

Sem mais por hoje.

De V. Ex.^a
am.^o mt.^o obg.^o cr.^o at.^o

Lisboa. 18-5-89

Leite de Vasconcelos

(Continua)